

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Giovanna Maria Correia Cordeiro¹
Jane Rose Silva Souza²

RESUMO:

A presente pesquisa trata-se de um estudo sobre de que maneira a afetividade deve estar presente em sala de aula. Esse trabalho busca apontar os pontos positivos do afeto dentro da relação professor-aluno e suas consequências no processo de ensino-aprendizagem. A afetividade anda em consolidação com o cognitivo da criança, interferindo no processo de ensino-aprendizagem, podendo ser de modo positivo ou negativo. A fase inicial da criança é essencialmente afetiva e só mais tarde passa a ter maior desenvolvimento cognitivo. Cabe ao docente direcionar as atividades para que se possa envolver o educando com afeto e auxiliá-lo em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem da melhor maneira possível.

PALAVRA CHAVE: *Afetividade. Aprendizagem. Ensino-aprendizagem. Professor.*

ABSTRACT:

The present research is about a study of how affectivity should be present in the classroom. This work seeks to point out the positive points of affection within the teacher-student relationship and its consequences in the teaching-learning process. Affectivity is in consolidation with the cognition of the child, interfering in the teaching-learning process in a positive or negative way. The initial phase of the child is essentially affective and only later on has a greater cognitive development. It is up to the teacher to direct activities so that the learner can be involved with affection and assist them in their processes of development and learning in the best possible way.

KEYWORD: *Affectivity. Learning. Teaching-learning. Teacher.*

¹ Graduada pelas Faculdades Integradas Campo-grandenses. giocorreiaa@gmail.com

² Professora da Faculdades Integradas Campo-grandenses. janerosesouza@yahoo.com.br

Introdução

A hipótese desse artigo é que a afetividade, estando presente no processo de ensino-aprendizagem, pode auxiliar para uma maior qualidade no ensino e no desempenho dos alunos. No decorrer do mesmo buscou-se discutir os aspectos que envolvam a afetividade e sua influência dentro do processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento da criança, bem como entender a ação do professor relacionada a este processo.

É de extrema importância saber o que é a afetividade para que possa ser trabalhada dentro de sala, pois a mesma é fundamental se exerce a docência direcionada para crianças, influenciando em seu processo de desenvolvimento.

O homem é um ser social, feito de emoções, e uma ação precipitada de forma grosseira do docente pode fazer com que seu educando fique contraído, deixando de se desenvolver por medo e insegurança.

Ninguém lembra do professor que ensinou o conteúdo de forma sistemática, mecanizada. Só fica na memória, marcado para vida, o que ensinou de modo mais afetuoso e humano, com paixão nos olhos pelo que está fazendo, pois toca o aluno e desperta emoções.

Não há como desconsiderar que a falta de afetividade pode refletir negativamente no desempenho escolar, no aprendizado. O interesse é deixado de lado quando não há compreensão, amor ou carinho, não há afetividade.

O professor é a figura que está a frente do processo de ensino e nele os educandos devem confiar, pois passam muitas horas e dias juntos. Sendo assim, é preciso que sejam olhadas com amor e compreensão, por alguém que saiba respeitar seus limites e bagagens de conhecimentos de mundo, suas culturas. Que não aponte os seus erros e sim que ajude para que possam se desenvolver em suas aptidões.

A aprendizagem não envolve somente a aquisição e assimilação dos conteúdos programáticos apresentados nas instituições de ensino, pois assim que nasce o ser humano começa a se desenvolver e a aprender, desde o processo de sucção do bebê nos seios de sua mãe quando já está sendo adquirido um novo aprendizado.

Ao falar de aprendizagem não se pode deixar de discutir os conceitos espontâneos e científicos, adquiridos pelas crianças, conforme conceituado por Vygotsky.

O que é aprendido também envolve cultura e tradições passadas, influência do meio social. Aprende-se com pessoas mais velhas e mais novas, pela constante socialização no dia-a-dia, inclusive numa troca de "conversa fiada". Com isso, socializar com pessoas de maneira positiva envolve a afetividade.

Dito isto, vários questionamentos são gerados, como: realmente, a falta de afetividade influencia no processo de aprendizagem? O que isso pode causar? Qual o papel do professor? Quais os benefícios de promover um trabalho com afetividade? O professor, também, deve ensinar respeito, compreensão e amor aos próximos?

Essas são questões que precisam ser discutidas durante todos os momentos de organização do trabalho pedagógico no espaço escolar, envolvendo todos os profissionais que nele atuam. Com objetivo de compreender os aspectos da afetividade e sua influência dentro do processo de aprendizagem da criança, bem como descrever a ação do professor relacionada a esse processo, para que se tenha uma melhor qualidade no ensino-aprendizagem.

Para este artigo utilizaremos como arcabouço teórico a obra *Teorias Psicogenéticas em Discussão*, feita em conjunto por Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira e Heloysa Dantas que aborda o tema afetividade nas concepções de grandes profissionais que contribuíram com obras importantes para a educação e a psicologia, são eles: Vygotsky, Piaget e Wallon.

Além do livro *Inteligência Emocional* do autor Daniel Goleman de 1995, que irá contribuir nos aspectos relacionados a afetividade e as relações entre professor e aluno.

Iremos utilizar, também, uma obra mais recente, o livro *Psicologia da Aprendizagem* de Dinah Campos de 2010, que irá reforçar os conhecimentos adquiridos com as demais obras, nos mostrando que ainda são conceitos bem atuais, necessários para um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

1. A afetividade: conceito, aspectos e desenvolvimento

Para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem a afetividade, o afeto tem lugar fundamental. Segundo Bueno (1974, p.107) o conceito de afetividade é “demonstração de afeto, de amor [...], afeto é carinho, é demonstração de afeição e amizade”.

No conceito de Fonseca (2016, p.366) o "afeto refere-se a sentimentos que envolvem, perante estímulos ou situações ambientais, não só a avaliação subjetiva dos mesmos ou das mesmas, como também, processos somático-corporais e crenças culturais."

A afetividade está presente no homem, pois somos feitos de emoções e, segundo, La Taille (1992, p.65) é "energia, é a mola propulsora das ações e a razão está a seu serviço". Nossas ações são incentivadas por ela.

O conhecimento de tais significados é imprescindível para o educador, pois a falta de afetividade pode ser crucial para a vida de uma criança, que se encontra em desenvolvimento e aprendizagem, tanto em âmbito escolar como em seu campo social, podendo gerar traumas que serão carregados pela mesma até sua fase adulta. Um exemplo de como a postura do professor interfere no aprendizado, pode ser quando passa no quadro uma atividade, matéria nova, manda que os alunos apenas copiem e aguardem sua explicação para que possa realizar a tarefa. Um de seus alunos corre até sua mesa, todo empolgado e diz: “- Professora, olha meu caderno. Eu consegui fazer sozinho! Olha, professora! ” Porém, ao pegar o caderno, observa um pequeno erro e em seguida desestimula totalmente o educando, dizendo que está tudo errado, apagando o que ele havia feito e o mandando aguardar a sua explicação, para que, assim, possa começar a realizar a atividade do modo como ela irá orientar. Tal procedimento pode inibir ou desestimular o educando de tentar aprender.

Como formador e mediador, o docente precisa adequar a sua postura sendo um incentivador do aluno. Goleman (1995, p. 50) completa dizendo que como professor “deveríamos gastar menos tempo classificando crianças e mais tempo ajudando-as a identificar suas aptidões e dons naturais e a cultivá-los. ” Ou seja, estimular olhando pelo

lado positivo da criança, auxiliando no desenvolvimento de suas melhores aptidões.

O autor também afirma que não devemos ignorar ou frustrar uma criança e a educação deve alimentar os seus talentos que são atributos para suas realizações no futuro.

As pessoas com prática emocional bem desenvolvida têm mais probabilidade de sentirem-se satisfeitas e serem eficientes em suas vidas, dominando os hábitos mentais que fomentam sua produtividade; as que não conseguem exercer algum controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas que sabotam sua capacidade de se concentrar no trabalho e pensar com clareza. (Ibid, p.48)

Completa, ainda que, “encorajando as crianças a desenvolverem uma completa gama das aptidões a que na verdade recorrerão para o sucesso, ou usarão apenas para se realizar no que fazem, a escola se torna uma educação em aptidões para a vida. ” (Ibid., p.49)

Como fica claro nas citações acima, a escola, principalmente o professor, além de saber o conceito de afetividade e afeto, precisa desenvolver uma prática pedagógica que auxilie a cada aluno a se conhecer, a buscar aprender mais, a desenvolver a autoconfiança e a autoestima. Para isto, é necessário ter uma postura aberta, flexível que incentive a superar dificuldades e a ir atrás de novos caminhos e conhecimentos.

Sengundo Dantas (1992, p.90) "a afetividade é uma fase do desenvolvimento". A criança é extremamente afetiva e possui suas emoções a flor da pele, fazendo, assim, com que sua emoção seja contagiante. Emoção é um dos fenômenos afetivos e Wallon considera a emoção fundamentalmente social. A autora (Ibid., p.85) diz que ela "fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e supre a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie". Sendo assim, fundamental no desenvolvimento do ser humano.

2. O processo de aprendizagem

Atualmente, nos meios educacionais, tem sido apontada uma grande dificuldade tanto na aprendizagem quanto no ensino. Os dois processos, na realidade, estão

interligados, afetando-se mutuamente. Não dá para se preocupar em buscar culpa de tais dificuldades em um dos dois e, sim, em entender a origem e/ou o que pode estar fazendo com que isto aconteça.

Ao falar de como se desenvolve a aprendizagem e o seu conceito, pode-se recorrer a Oliveira (1992, p.27) que traz a concepção de Vygotsky, que defende que no processo de formação de conceitos, a linguagem, nosso meio de comunicação fundamental, possui duas funções básicas: “intercâmbio social e a de pensamento generalizante”.

[...] Além de servir ao propósito de comunicação entre indivíduos, a linguagem simplifica e generaliza a experiência, ordenando as instâncias do mundo real em categorias conceituais cujo significado é compartilhado pelos usuários dessa linguagem. Ao utilizar a linguagem para nomear determinado objeto estamos, na verdade, classificando esse objeto numa categoria, numa classe de objetos que têm em comum certos atributos. A utilização da linguagem favorece, assim, processos de abstração e generalização. (Ibidem)

A autora (ibid., p.28) complementa que "cada palavra refere-se a uma classe de objetos, consistindo num signo, numa forma de representação dessa categoria de objetos, desse conceito". Essas palavras são formadas em sociedade. A linguagem sofre a influência do contexto social e por ser uma língua "viva" e encontrasse sempre em transformação. E esses conceitos, construídos em contexto social são internalizados pelos indivíduos no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. A autora (Ibid., p. 31) ressalta, ainda, que Vygotsky distingue esse tipo de conceito, que é espontâneo, dos denominados por ele de "conceitos científicos", que são os apresentados nas instituições de ensino, mas que (Ibidem) "também passam por um processo de desenvolvimento, isto é, não são apreendidos em sua forma final, definitiva", pois há influência exercida no desenvolvimento da criança, através do conceito de seu grupo social, do cotidiano: "a linguagem, internalizada, passa a representar essas categorias e a funcionar como instrumento de organização do conhecimento" (Ibidem).

Oliveira (Ibid., p. 32) coloca que para Vygotsky os conceitos espontâneos e científicos, estão relacionados, sendo "preciso que o desenvolvimento de um conceito espontâneo tenha alcançado um certo nível para que a criança possa absorver um conceito científico correlato". Ou seja, é um processo de parceria mútua.

Diante do exposto é demonstrada a importância da Educação Infantil, com a pré-

escola sendo de frequência obrigatória, visto que a criança primeiro desenvolve sua identidade e autonomia de forma lúdica, através de brincadeiras e rodas de conversas que envolvem os conceitos espontâneos de seu conhecimento de mundo, do seu grupo social. Sendo assim, cabe ao docente auxiliar para que sejam assimilados os pontos positivos desses conceitos, fazendo uma espécie de filtro observando o nível de desenvolvimento da criança, pois o aprendizado funciona através de etapas, de acordo com faixa etária. Tais cuidados são importantes para que, mais tarde, o científico seja internalizado e aprendido de maneira correta.

Palangana (2001) fala sobre a teoria Jean Piaget, que tem em relação com a aquisição da aprendizagem da criança. Segundo ela, Piaget acreditava que o educando tinha maiores chances de adquirir o aprendizado quando trabalhado de forma que as atividades estivessem voltadas para suas necessidades e interesses. A autora explica o porquê desta afirmação, de acordo com este teórico:

Primeiro, porque o interesse parte da própria criança, revelando que seu nível de organização mental está apto a realizar tal aquisição, já que a necessidade traz implícitas as formas ou estruturas cognitivas das quais a criança dispõe. Segundo, porque a aprendizagem passa a ser o meio através do qual a necessidade pode ser satisfeita, a aprendizagem passa a ser necessária. (Palangana, 2001, p.79)

Para La Taille (Op. Cit, p.11), Piaget evidencia que “o homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto, de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive”. Sendo, assim, é necessário que todo o processo de ensino-aprendizagem parta do contexto social dessa criança, para que a mesma consiga compreender melhor o que está sendo trabalhado e assimile os novos conhecimentos.

Buscando os conceitos de Wallon, que surgiu com a teoria da psicogenética e tendo a dimensão afetiva como assunto central, tem-se consciência dos estágios de desenvolvimento da criança. Dantas (1992, p.42) aborda alguns desses estágios falando como a afetividade e a inteligência se constrói de modo recíproco, ressaltando que no primeiro ano de vida, para o teórico, o que predomina é a parte emocional da criança em interação com o meio, quando o cognitivo fica mais ocultado. Esse primeiro estágio é denominado como impulsivo-emocional.

A autora ressalta que, em seguida, vem a fase sensório-motora que "consiste

essencialmente na preparação das condições sensório-motoras que permitirão, ao longo do segundo ano de vida, a exploração intensa e sistemática do ambiente" (Ibidem). Junto com a que Wallon chama de Projetista, pois "a fala e as condutas representativas são inegáveis, confirmando uma nova forma de relação com o real, que emancipará a inteligência do quadro perceptivo imediato". É onde a criança se projeta, imita os atos das outras, partindo para o Sincretismo, a partir dos cinco anos, no qual surgem os primeiros diálogos fundamentados. Nesta fase a criança já está formando sua personalidade através da construção de sua consciência, emitindo opiniões próprias, argumentando-as e tendo mais autonomia.

3. O afeto na relação professor e aluno

Como já dito, o professor tem um papel imprescindível no processo ensino-aprendizagem, devendo assumir uma postura que inspire e impressione seus aprendizes, para que possa transmitir além dos conhecimentos cognitivos, o afeto que é essencial para que se tornem pessoas com valores éticos, compreensíveis com amor e respeito ao próximo.

Libâneo é um dos grandes intelectuais que contribuem para a educação, pesquisando questões que envolvem a prática pedagógica. Em seu livro "Didática Geral" (1994), destaca dois aspectos importantes na relação professor-aluno, que interferem no processo de ensino-aprendizagem: o cognoscitivo, onde abrange os conhecimentos específicos da educação escolar e o sócio-emocional, que engloba as relações entre o docente e o educando, e a ética profissional indispensável. O autor destaca, ainda, que este último é fundamental, pois auxilia na busca para alcançar os objetivos do processo de ensino-aprendizagem, através de uma melhor interação das relações do professor e o aluno.

O autor, porém, ressalta que a relação de afetividade, carinho e compreensão com seus alunos, não pode deixar que os prejudique no que se refere a autonomia e independência, necessitando que saibam distinguir os momentos em que precisem de compreensão, sem deixar de lado seus objetivos enquanto professor.

Ele se posiciona dizendo que:

Na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como um estímulo e ajuda para o desenvolvimento independente dos alunos. O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos, organiza a classe. Entretanto, essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondam a elas como sujeitos ativos e independentes. (Ibid., p.251)

Para ele, essa autoridade deve ser uma conduta do professor, e não algo para oprimir o aluno. Não deve ser por ele visto nem sequer deixado que seja visto, pelos próprios alunos como algo negativo. Pelo contrário, deve ser compreendido como algo que irá auxiliar no crescimento intelectual e individual dos educandos, para que se tenha uma autonomia. Essa autoridade, colocada ao professor, não lhe dá o direito de lecionar de forma autoritária, como arbitrário e dominador. Sobre isto afirma Libâneo (Ibid., p.252) que:

A autoridade profissional, do professor se manifesta no domínio da matéria que ensina e dos métodos e procedimentos de ensino, no tato em lidar com a classe e com as diferenças individuais, a capacidade de controlar e avaliar o trabalho dos alunos e o trabalho docente, do mesmo.

Diz, também, que essa autoridade é em relação a sua dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça e traços de caráter. Um professor dentro de sala de aula precisa exercer a docência com a sua inteligência interpessoal, que é definida por Goleman (1995, p.51) como "a capacidade de compreender outras pessoas: o que as motiva, como trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas. ”

Deve, então, observar e compreender a todos, não de um modo geral, pois cada aluno é único e possui sua especificidade, havendo suas particularidades na hora do seu aprendizado.

Tanto Libâneo quanto Goleman concordam, de acordo com suas teorias, que ficou para trás o método de ensino onde o professor era o detentor de todo o conhecimento e seus alunos eram apenas receptores. Seus cérebros eram vistos como uma caixinha em que os mesmos deveriam guardar dentro delas, através da memorização com todos os conteúdos passados por aquele professor.

Houve um tempo que eram aplicados castigos, como palmatórias e se ajoelhar em milhos, para os que não “aprendessem” da maneira que lhes eram impostos os conteúdos.

Não era observado que cada pessoa tem formas diferenciadas de compreender, de aprender e nem era considerada a bagagem que já tinham (conhecimentos prévios). A forma como o professor conduz suas aulas, ou seja, a relação que estabelece com seus alunos é fundamental para auxiliar sua aprendizagem, podendo afetar diretamente este processo.

4. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem

A Afetividade é um dos fatores que influenciam no processo de ensino-aprendizagem na educação, estando em consolidação com o desenvolvimento cognitivo da criança, podendo causar impactos positivos ou negativos, dos quais serão levados para o resto da vida pessoal e social.

Fonseca (2016, p.368) coloca que "só num clima de segurança afetiva o cérebro humano funciona perfeitamente, só assim as emoções abrem caminho às cognições". Ou seja, terá uma menor dificuldade de se abrir aos novos conhecimentos se foram trabalhos com afeto.

O ensino vai muito além da concepção estreita da aquisição de conhecimentos e conteúdos sistemáticos, como aprendizagem. Como cita Campos (2010, p.32), as pessoas, também, aprendem "os valores culturais; [...] aprendem a amar; a odiar; a temer e a ter confiança em si mesmas; aprendem a ter desejos, interesses, traços de caráter e de personalidade." Porém, temos que compreender ainda, que um é a complementação do outro, as aprendizagens socioculturais e sistemáticas, interagem para um melhor desenvolvimento do homem. Ao referir-se a afirmativa acima, Campos (Ibid., p.33) destaca que:

Aprendizagem envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidades do homem, tanto físicas quanto mentais e afetivas. Isso significa que a aprendizagem não pode ser considerada somente como um processo de memorização ou que emprega apenas o conjunto das funções mentais ou unicamente os elementos físicos ou

emocionais, pois todos estes aspectos são necessários.

Denomina, ainda, como aprendizagem apreciativa ou afetiva, aquela que envolve a afetividade. Segundo a autora essa aprendizagem aguça a personalidade do educando, que é formada sob as influências hereditárias e da interação com o meio ambiente, seu meio social. Complementa que:

A aprendizagem apreciativa compreende atitudes e valores sociais, traduzidos por gostos, preferências, simpatias, costumes, crenças, hábitos e ideais de ação, que constituem os princípios mais gerais de conduta humana. Sem emoções, sentimentos, valores e ideais, a vida não teria sentido. Sem essas reações, as palavras felicidades e desgraça, prazer e dor, amor e ódio seriam inteligíveis; e, como tudo seria indiferente, os fatos mais vulgares e as maiores catástrofes deixariam o homem completamente impassível. (Ibid., p.69)

As teorias apresentadas neste artigo levam a reflexão sobre a figura do professor, para o aluno, é um espelho, uma inspiração. Os professores precisam ter a consciência disso para que possam promover um trabalho com melhor qualidade no processo de ensino-aprendizagem.

A educação passou por um longo período tradicionalista, em que era intelectualista, idealista e individualista. O aluno não tinha vez, nem voz. O professor era o mentor, alguém com autoridade, rígido, dono de todo o conhecimento sistemático, que transferia para o aluno, para que memorizasse. Não havia uma relação de mediador, nem de facilitador, e o aluno não podia questionar, muitas vezes guardando para si a curiosidade que desperta para aprender mais.

Se o educador for alguém que não compreende o próximo, rude, grotesco, que se ache o detentor de todo o conhecimento, acaba cortando as asas das imaginações de seus alunos, pois um aluno com dificuldade em seu período de ensino, não sendo compreendido, pode acarretar outros problemas como ressalta Fonseca (Op. Cit., p.366):

Muitos problemas de saúde mental na escola podem decorrer de estressores crônicos e de sofrimento emocional, porque muitos alunos com dificuldades de aprendizagem não conseguem corresponder às expectativas sociais porque a sua neurodiversidade não é respeitada nem é compatibilizada com as exigências das aprendizagens escolares.

É necessário que, quem esteja dentro de sala de aula, tenha um olhar observador para identificar um pedido das crianças por um pouco de atenção, seja por motivos de negligência familiar, rejeições ou separação entre seus responsáveis. Tais fatores podem afetar o aluno, causando dificuldades em seu processo de aprendizagem ou desenvolvendo comportamentos inadequados, como agressividade, desobediência, falta de compaixão e respeito por seus colegas de classe. Apenas querem ter a atenção de todos voltada para si.

Segundo Oliveira, Vygotsky foi um importante pensador que abordava o desenvolvimento intelectual da criança em seus aspectos sociais, acreditando que o ser humano se torna quem ele é devido a influência do meio social, de outro ser social. Ele menciona que:

[...] Um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade Entre esses processos. Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. (Op. Cit., p.76)

O professor, por sua vez, não irá substituir totalmente a falta do afeto que esse aluno possui, mas irá trabalhar os aspectos sócio-emocionais e afetivo, para que possam ser compreendidos e analisadas essas questões norteadoras do processo de ensino e aprendizagem.

Atualmente, o papel da escola é ser acolhedora, ela precisa permitir, através das atividades pedagógicas que os alunos se desenvolvam em aptidões que sejam de seus sonhos, de forma que lhes sejam trazidos prazer em estar naquele ambiente.

Teixeira (1998, p.13) reforça dizendo que "é preciso [...] que todos os programas educacionais tenham declaradamente o propósito de fabricar felicidade". Já não é aceito que no processo de desenvolvimento da cognição nos espaços educacionais deixe de envolver o emocional. O autor aborda três pontos fundamentais que precisam ser considerados, são eles:

a) Todo e qualquer programa educacional, seja ele de formação ou treinamento, em qualquer grau, deve ter como fim específico e em primeiro lugar, a "felicidade do educando";

b) Nenhum programa pode prescindir ou desconhecer a participação do emocional do educando no procedimento intelectual;

c) A eficácia de qualquer programa dependerá de um conjunto de ações integradas, que vão desde a ambientação até a metodologia didática, considerando que sempre poderia ser um pouco melhor.

Fonseca (Op. Cit., p.379) traz três estratégias de aprendizagem emocional para os professores. Ele alega que “as escolas e seus professores têm de proporcionar mais e melhores condições de aprendizagem emocional”.

O primeiro é (Ibid., p.380) fomentar conexões emocionais com as matérias a serem aprendidas”, ou seja, estimular e proporcionar que os alunos trabalhem em grupos e busquem desenvolver seus trabalhos através de inter e transdisciplinares.

Em segundo lugar é (ibidem) “encorajar os estudantes a desenvolverem intuições escolares inteligentes”. Isto é, auxiliar no desenvolvimento de cidadãos com pensamentos críticos e criativos para a sociedade atual.

Por último, mas não menos importante, é (ibid., p.381) “gerir intencionalmente e ativamente o clima emocional e social da sala de aula”. O autor refere-se ao errar e aprender com esse erro, porém, para que isso aconteça é necessário que a relação professor-aluno seja de confiança e respeito, pois se o professor não conceber o erro como indícios sobre o que o aluno já conseguiu ou não assimilar, sendo base para organização de novas estratégias de ensino, passará para ele uma imagem negativa sobre o erro e poderá inibi-lo a tentar novamente.

Considerações Finais

Em virtude do que foi mencionado entende-se a relevância da afetividade no processo ensino-aprendizagem que envolve professor e alunos. Sendo assim, há necessidade de inserir a relação afetiva dentro dos espaços escolares visando um desenvolvimento com maior qualidade.

É importante a escola abordar sobre este tema na organização e implementação do trabalho pedagógico não só para o contexto escolar, mas também para a sociedade como

um todo, pois ela trabalha constantemente os aspectos sociais dessas crianças. Os impactos psicológicos e emocionais causados neste processo ensino- aprendizagem serão levados para a vida social e profissional, sendo eles positivos ou negativos.

Desta maneira, percebe-se a importância de termos mais artigos, trabalhos, matérias, livros e atividades pedagógicas que promovam uma discussão mais aprofundada e fundamentada sobre esse tema, o que demonstra a relevância desta pesquisa, com o intuito de poder contribuir para que haja um ensino-aprendizagem de qualidade, formando cidadãos que saibam transmitir compreensão, amor, carinho e respeito para todos.

O professor precisa compreender que não é o detentor de todos os conhecimentos, que o aluno traz consigo bagagens do seu meio social e que dentro de sala pode e deve ocorrer troca de conhecimentos. Desta forma é necessário que a criança seja incentivada a desenvolver sua imaginação, que veja o erro como parte do processo de aprender e construir conhecimentos e que seja trabalhada para ter uma alta autoestima.

O mundo já se apresenta, muitas vezes, cruel e sem paciência com crianças e jovens e, por isto, pelo menos na escola precisa ter abrigo, sendo um lugar de desenvolvimento, no qual tenham afeto, compreensão e amor.

É preciso liberar a afetividade na escola por parte da equipe pedagógica e docente e demais funcionários, o que irá influenciar para que o mesmo ocorra entre os alunos. Deixar o amor e respeito transpassar as relações estabelecidas no espaço escolar será importante para auxiliar na formação humana dos alunos, na qual valores como solidariedade, companheirismo, empatia respeito à coletividade, entre outros, serão base de suas subjetividades e personalidades. Através do investimento no outro, de modo que perceba afetividade e credibilidade no que é e faz, será possível acreditar na transformação da sociedade, no sentido de tornar-se mais justa e igualitária.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. 3v: v. 1. Brasília: MEC\SEF, 1998.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. 38. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

FONSECA, Vitor. **Importância das emoções na aprendizagem**: Uma abordagem neuropsicopedagógica. Rev. psicopedag. vol. 33. São Paulo, 2016: Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014, acessado em 09/04/2019, às 14h.

GOLEMAN, Daniel. **INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**: A Teoria Revolucionária Que Redefine O Que É Ser INTELIGENTE. 29. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Didática Geral**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos - Ltc, 2016.

PALANGANA, Isilda Campaner. **DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM EM**

PIAGET E VYGOTSKY: A relevância do social. 4. ed. São Paulo: Summus, 2001.

TEIXEIRA, Elson A. **Aprendizagem e criatividade emocional**: Como liberar a

criatividade que há em você. São Paulo: Makrom Books, 1998.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget Vygotsky Wallon**: Teorias psicológicas em discussão. 19. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

WITTER, Geraldina porto; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. **PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM**. 3 ed. São Paulo: EPU, 1984.